

PERCEPÇÃO DA MORTE NO OLHAR DO ENFERMEIRO

Camilla Sandrianny Pereira Barbosa¹, Emanuella de Castro Marcolino², Fernanda Ferreira Souza², Fernanda Carla Magalhães², Rosana Farias Batista Leite¹

¹ Faculdade de Ciências Médicas

² Universidade Estadual da Paraíba

¹milumiloc@hotmail.com

Resumo – A morte enquanto característica inerente à vida traz em seu acontecimento sentimentos diversos, o enfermeiro tendo a profissão baseada no cuidar apresenta-se propenso a lidar em seu cotidiano com o processo de morrer e a morte, porém usualmente esses profissionais não estão preparados para conviver com esse processo. O presente estudo tem por objetivo compreender a percepção dos enfermeiros sobre a morte e os mecanismos por eles utilizados para lidar com esse momento em seu cotidiano de trabalho. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa com amostra composta por 10 enfermeiras que trabalham em um hospital de referência para o tratamento do câncer, como instrumento de coleta de dados optou-se pela utilização da entrevista semi-estruturada aliada a um questionário sócio-demográfico. A morte enquanto evento do ciclo da vida produz diversos sentimentos e reações emocionais tanto no indivíduo que está em processo de morte como os que o circundam. Portanto, é essencial discutir e refletir a morte e seus enfrentamentos, principalmente os profissionais da enfermagem que lidam no cotidiano com esse processo.

Palavras-chave: Trabalho, Enfermagem, Morte.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde

Introdução

A morte é considerada inerente a existência humana, sendo esta a única certeza que se tem do desdobramento da condição de ser vivo (ARAÚJO; VIEIRA, 2004). Mesmo considerada um fenômeno da vida, sempre despertou grande temor no ser humano, este sentimento se expressa na dificuldade de lidar com a finitude, a qual cada indivíduo remete nas crenças, valores e visão de mundo. O enfrentamento da morte é difícil e angustiante para quem a vivencia, podendo ser mais ainda para quem a observa, pois a morte provoca rupturas profundas entre quem morreu e o outro que continua vivendo. Isso requer ajustamentos no modo de entender, de perceber e de viver no mundo.

A enfermagem, considerada como uma arte e uma ciência, fundamenta-se no “cuidar do outro”, tendo como principal premissa a interação com o ser humano, compreendendo-o em sua natureza física, social e psicológica. O cuidar está presente em todo ciclo vital desde o nascer até o morrer. Tendo o enfermeiro, sua profissão baseada no cuidar, este se apresenta propenso a lidar em seu cotidiano com o processo de morrer e a morte, defrontando-se, rotineiramente, com a situação da morte que o mobiliza emocionalmente, e em algumas circunstâncias de maneira bastante intensa (SILVA; PEREIRA, 2006).

É importante ser observado que a morte, para os profissionais de saúde, no que pese ser uma experiência calcada no saber científico, também é uma vivência humana e, portanto, submetida a determinações psicossociais. Apesar dos enormes avanços tecnológicos e terapêuticos em saúde, usualmente os profissionais da área não estão preparados para conviver com o processo de morte, bem como com seus sentimentos e emoções, pois de acordo com Du Gás (2000) a enfermagem está intrinsecamente ligada à preservação da vida, o alívio do sofrimento e a restauração da saúde.

O presente estudo tem como objetivo compreender a percepção dos enfermeiros sobre a morte e os mecanismos por elas utilizados para lidar com esse momento em seu cotidiano de trabalho.

Metodologia

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa com amostra composta por 10 enfermeiros que trabalham em um hospital de referência para o tratamento do câncer em Campina Grande – PB que atuam na instituição por um período de dois anos ou mais. Considerou-se que este espaço de tempo foi suficiente para que os profissionais tenham vivenciado a morte.

A respeito do instrumento de coleta de dados optou-se pela utilização da entrevista semi-estruturada aliada a um questionário sócio-demográfico. Minayo (1996, p.108) valoriza a entrevista semi-estruturada, pois, através desta “[...] o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem repostas ou condições prefixas pelo pesquisador [...]”.

Para a análise dos dados, foi adotada a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin, cuja finalidade é compreender o sentido das comunicações, seu conteúdo e as significações aparentes ou ocultas (CHIZZOTI, 1988). A partir dos conteúdos emergentes nas falas dos entrevistados, foram eleitas categorias temáticas, entendidas como núcleos de sentidos que compõem a comunicação, os quais de acordo com a presença ou frequência de aparição podem significar algum sentido para o objetivo analítico (BARDIN, 1977).

Resultados

A partir dos dados coletadas nas entrevistas, foi possível agrupar os sentidos das falas em quatro categorias temáticas.

A primeira delas apresenta os significados de cuidar para os enfermeiros. Foi constatado que a maioria dos entrevistados associa cuidar à assistência integral do paciente, desse modo enfatizando a importância do apoio psicológico ao paciente, como mostra os seguintes discursos: *“Cuidar na minha opinião significa zelar pelo paciente ... é você dar assistência integral”* (E1) *“Cuidar pra mim (...) não só em termos de assistência de enfermagem ... mas psicologicamente ... dar um apoio”*(E2).

A segunda categoria temática focou a percepção de morte pelos enfermeiros no cotidiano dos serviços de saúde. Verificou-se quatro principais modos de perceber a morte pelas entrevistadas associada à religiosidade; ao caráter biológico; ao alívio e a negação da morte. Todos esses sentidos são perceptíveis nas falas a seguir: *“A morte é o fim da vida e o início para a vida eterna ao lado de Deus”* (E1); *“morte é a falência dos órgãos físicos”*. (E3); *“um descanso para aqueles que estão sofrendo com as enfermidades”* (E4); *“Pra mim é uma partida muito triste, eu não gosto nem de pensar nisso”* (E5).

Em relação à vivência da morte no cotidiano detectou-se nas falas que apesar da morte fazer parte da rotina hospitalar, os profissionais evidenciaram dificuldade em lidar com a mesma, como bem refere E6 *“Eu não sei muito bem lidar com a morte...Eu tenho muitas dificuldades na hora de chegar pra família pra dizer que um ente querido dela foi a óbito”*. Para driblar a situação, as entrevistadas demonstraram buscar estratégias

enquanto profissionais para conduzir o momento e prestar a assistência adequada ao paciente e a família como aparece nas falas: *“A gente se torna fria nesse momento”* (E5); *“Eu tento confortar o paciente e a família...”* (E3); *“O enfermeiro deve ser humano, mas não agir com o coração, pois precisamos de agilidade e raciocínio”* (E7); *“Eu apenas na hora da morte converso com Jesus e peço para que aquele paciente seja entregue nas mãos dele”* (E1).

Outra categoria baseou-se nos sentimentos manifestados em deparar-se com a morte de um paciente, o que se torna inevitável, pois se constituiu a perda de um indivíduo que estava sob responsabilidade daqueles profissionais. Assim, foram apresentados vários sentimentos pelos enfermeiros durante as entrevistas, sendo possível identificar nuances de um e de outro sentimento que se mesclaram. *“Tristeza por ter perdido aquele paciente né? E ao mesmo tempo alívio por ele ter deixado de sofrer”* (E4); *“Na realidade quando o paciente é terminal, eu chego e a sentir alívio...”* (E1); *“Em alguns casos me sinto impotente”* (E7); *“Tristeza, por ter perdido aquele paciente que você lutou tanto”* (E8).

A maioria das profissionais entrevistadas relatou que os sentimentos gerados no momento da morte com o convívio e o dia-a-dia modificaram-se do início da carreira profissional, de modo geral, elas mostram dominar melhor esses sentimentos durante o processo da morte do paciente.

Evidenciou-se nos discursos dos enfermeiros a associação da pouca preparação na hora da morte à formação acadêmica deficiente nesse sentido. Como claramente colocam as entrevistadas *“Eu acho que a gente vê muito pouco essa parte da morte na faculdade, acho assim que deveria ser uma coisa mais aprofundada...”* (E8); *“deixam o profissional um pouco despreparado de como atuar perante a morte”* (E9); *“Eu fui mal preparada realmente para isso e tenho um certo bloqueio”* (E6).

Discussão

O cuidar, definido por Boff (2001, p. 33) como o “momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa a responsabilização e o envolvimento afetivo com o outro”. Nesse sentido, cuidar significa ir além dos procedimentos e técnicas, o cuidar deve abranger a “dimensão bio-psico-social que valoriza o cuidado à pessoa” (ESPERIDIÃO E MUNARDI, 2004, p. 333).

O cuidado enquanto essência da profissão deve ser executado a partir de dois aspectos: o cuidado objetivo que tange o desenrolar de procedimentos e técnicas e o cuidado subjetivo que se guia pela sensibilidade e criatividade para

cuidar do outro (SOUZA, SANTOS, PADILHA e PRADO, 2005). Assim, produzindo um cuidar humanizado que valorize o indivíduo enquanto ser humano entendendo-o como um ser ativo que possui opinião, autonomia e sentimentos.

Dessa forma, o enfermeiro lida diariamente com os sentimentos e angústias dos indivíduos, incluindo um dos mais difíceis de encarar, o de morrer.

Cada profissional compreende esse momento de um modo, assim como desenvolve estratégias de enfrentamento peculiares. A religiosidade é a grande aliada de muitos profissionais para oferecer apoio ao paciente, assim como, compreender o fenômeno da morte. A religiosidade anda de mãos dadas com a fé, esta que dar o sentido a vida tornando-se a força para a superação (MAFTUM, 2008).

Porém, há os profissionais que entendem a morte pelo aspecto biológico como a desvitalização das células humanas. Enquanto alguns encaram como o sentimento de alívio, este surge quando a cura foge às competências do saber (GUTIERREZ; CIAMPONE, 2006) restando o conforto, o afeto e a dignidade ao paciente.

No entanto, lidar com a morte não é fácil visto que envolve as angústias e emoções do outro e do próprio profissional. Este evento é capaz de gerar nos seres humanos diversos sentimentos e reações emocionais tanto no indivíduo que está em processo de morte como nos que o cercam (LUNARDI et al., 2001).

Para conviver com esses sentimentos, os profissionais utilizam de estratégias como o distanciamento do paciente tornando-se “menos humanas para desenvolverem um bom trabalho” (ROSA et al, 2006, p. 208). Já algumas buscam na religiosidade a minimização do sofrimento, o apoio, o conforto possibilitando um suporte aos pacientes e familiares para que estes superem seus conflitos tanto físicos como emocionais e espirituais.

Assim, o profissional vivencia diversos sentimentos no momento da morte: tristeza, alívio, inutilidade, compaixão; no estudo de Balancieri e Koyama (2002) os principais sentimentos apresentados foram tristeza, angústia e a impotência. Sendo estes os principais, porém, os profissionais apresentam um misto de sentimentos diante da morte, pois a morte e a dor causam sentimentos e emoções que os deprimem sendo despertada a piedade na luta pela vida.

Mesmo com a mistura de sentimentos, o estudo mostrou que a maioria dos profissionais possui a religiosidade fortalecida nas convicções pessoais o que tem favorecido os enfrentamentos com a morte no cotidiano e o crescimento individual.

Apesar de a morte pertencer a rotina dos profissionais da enfermagem, o estudo de Espiridião e Munari (2004) enfatiza que a formação do enfermeiro foca a dimensão técnica e pouco salienta o crescimento subjetivo do profissional. De acordo com as autoras, a formação acadêmica não privilegia o fortalecimento emocional dos futuros profissionais de saúde, em destaque encontra-se a enfermagem enquanto profissão voltada para o cuidar na complexidade do indivíduo; desse modo, trata-se de uma formação fragmentada.

Aguiar et al (2006) referem que os currículos dos cursos de graduação em enfermagem contém de disciplinas sobre fundamentos e teorias de enfermagem, com intuito de formar pessoas habilitadas a cuidar e prolongar a vida, porém pouco preparadas para assistir indivíduos fora de possibilidade terapêuticas.

Neste sentido é importante e necessário que os currículos de formação dos cursos de graduação na área da saúde, principalmente na graduação em enfermagem seja ofertado o componente curricular que contemple as questões da tanatologia e ainda sejam efetivadas as discussões sobre morte e morrer nas disciplinas das ciências sociais, a exemplo da antropologia, sociologia e psicologia, como forma de oportunizar aos alunos, futuros profissionais de saúde, uma visão holística do ser humano fugindo assim de uma perspectiva puramente biomédica e tecnicista.

Diante deste estudo pode-se afirmar que apesar das novas tendências e teorias de enfermagem voltadas para a totalidade do cuidado holístico ao ser humano, quando se trata de questões relacionadas à morte, há uma dificuldade de transmissão e ensino do tema pelos docentes. Nota-se, então, que o espaço de tempo transcorrido entre uma formação e outra, não mudou os pontos de vista relacionados ao despreparo.

Conclusão

Atualmente, valoriza-se o cuidado humanizado (profissional/paciente), tendo como um dos objetivos melhorar a assistência à morte no ambiente hospitalar, logo que o óbito se impõe como uma experiência de insatisfação que leva os profissionais de saúde a se confrontarem, com a quebra do sentimento de onipotência e a vivência do sentimento de fracasso.

A emanção de tantos sentimentos, durante a morte daquele que se cuida, provoca impactos e enfrentamentos diferenciados entre os profissionais. No entanto, são estes os responsáveis pela própria superação diária de lidar com perdas e sofrimentos alheios.

Com base no estudo, conclui-se que a religiosidade torna-se ferramenta indispensável para amenizar tanto o momento de crise do paciente e família como do próprio profissional. A religiosidade permeada pela fé dar suporte para a experiência da morte apenas vivenciada de forma alheia.

Todavia, somente a religiosidade não fundamenta a assistência ao paciente. É essencial que os profissionais na formação acadêmica tenham a oportunidade de discutir e refletir a morte e seus enfrentamentos enquanto futuros profissionais passando de uma formação meramente técnica para um olhar reflexivo na subjetividade do outro reconhecendo a morte como parte do curso biológico da vida e seu papel diante dela.

Referências

AGUIAR, I. R.; VELOSO, T. M. C.; PINHEIRO, A. K. B.; XIMENES; L. B. O Envolvimento no Processo de Morrer de Bebês Internados em Unidades Neonatal. **Rev. Acta Paulista de enfermagem**. São Paulo: v.19, n.2, abr / jun, 2006.

ARAÚJO, P.V. R; VIEIRA, M. J. A Questão da morte e do morrer. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília (DF); maio/jun; 57(3): 361-3, 2004

BALANCIERI, M. F.; KOYAMA, R. E. **Sofrimento e Morte sob a ótica dos estagiários da USC – BAURU**. 2002. Disponível em: <http://www.psicologiahospitalarmfb.ig.com.br/texto1.html>, acesso em: 08/11/2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª ed. Lisboa: Edição 70, 1977, 225p.

CHIZZOTTI A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 1995.

DU GÁS, B.W. **Enfermagem Prática**. 4 ed., Rio de Janeiro: GUANABARA, 2006.

ESPIRIDIÃO, E.; MUNARI, D. B. Holismo só na Teoria: a trama dos sentimentos do acadêmico de Enfermagem sobre sua formação. **Rev. Esc. Enferm. USP**. v.38, n.3, p.332-340,2004.

GUTIERREZ, B. A. D.; CIAMPONE, M. H. T. Profissionais de enfermagem frente ao processo de morte em unidades de terapia intensiva. **Acta paul. enferm.** v.19 n.4 São Paulo out./dez. 2006.

LUNARDI FILHO, W. D; NUNES, A.C.; SULZBACH, R. C.; LOMBARDI,V.L. Percepções e condutas dos profissionais de enfermagem frente ao processo de morrer e morte. **Texto e Contexto**

Enfermagem. Florianópolis: v. 10, n. 3, p. 60 – 81,2001.

MAFTUM, M. A.; SOUZA, J. R. De; BAISE, D. D. H. O. O Cuidado de Enfermagem em face do reconhecimento da crença e/ou religião do Paciente: Percepção de Estudantes de Graduação. **Oline Brazilian Journal of Nursing**, v.7, n.2,2008.

MINAYO,M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4ª ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco, 1996.

ROSA, A. F.; LUNARDI, V. L.; BARLEN, E. D.; LUNARDI FILHO, W. D. Percepções dos Enfermeiros Frente aos Sentimentos de que vivência o Processo de Morrer e Morte. **Ciência, Cuidado e Saúde**. Maringá, v. 5, n.2, p.204-211, Maio/Ago, 2006.

SILVA, M.C.; PEREIRA; M.H.M. A Significação do Óbito Hospitalar para Enfermeiros e Médicos. **Rev. René**. Fortaleza, v.7, n.1, abr., 2006.

SOUZA, M. de L. de; SANTOS, V. V. de B.; PADILHA, M. I. C. de S.; PRADO, M. L. do. O cuidado de Enfermagem – Uma Aproximação teórica. **Rev. Texto&Contexto enferm.** v.14, n.2, Florianópolis, Abr./ Jun.,2005.